

Uma FRONTEIRA escrita em PORTUNHOL onde “PAMPA É UM SUBSTANTIVO FEMENINO”

Maria Helena Matchin Vieira^{1*}  Nubia Regina Moreira² 

¹Centro Territorial de Educação Profissional Médio Rio das Contas (Secretaria Estadual de Educação da Bahia) - Brasil

² Universidade Estadual do Sudeste da Bahia - Brasil

*Autor de correspondência: matchinelena@gmail.com

RESUMO

Este relato de experiência ocorre na pampa fronteira entre o Brasil e Uruguai, produto das minhas vivências, pois sou dessa região. Como Extensionista, a partir do Projeto da UERGS – Campus Santana do Livramento, reflito sobre as relações e o lugar das mulheres nesse espaço, partindo de processos históricos e espaciais, bem como as trajetórias das relações produtivas e reprodutivas, sob um olhar de gênero. Nesse contexto, do olhar pampeano, foram criadas posições de desigualdades legitimadas pelo sistema colonialista, capitalista e patriarcal, onde se percebe que a resistência, as lutas e os deslocamentos das mulheres pampeanas fronteiriças superam as fronteiras. Nessa abordagem, partindo das referências no que tange a gênero, as pesquisadoras Lugones, Maria e Frederice, Silvia alicerçam este relato, conjuntamente com as histórias relatadas, na qual se caracterizam metodologicamente como uma pesquisa empírica, pesquisa-ação. Partindo das minhas percepções no desenvolvimento das experiências, sugiro repensar e recriar as relações de gênero na pampa fronteira.

ABSTRACT

This experience report is set in the borderland pampas between Brazil and Uruguay, stemming from my lived experiences as a native of this region. As an extensionist within a UERGS project (Santana do Livramento Campus), I reflect on women's roles and relationships in this space, analyzing historical and spatial processes, as well as the trajectories of productive and reproductive relations through a gender lens. In this context, from the pampas perspective, inequalities were legitimized by colonialist, capitalist, and patriarchal systems; however, the resistance and struggles of these borderland women transcend geographical boundaries. Grounded in gender theory, specifically the work of Lugones, Maria and Federici, Silvia, this report utilizes an empirical action-research methodology. Based on these experiences, I propose rethinking and recreating gender relations in the borderland pampas.

RESUMEN

Este relato de experiencia se desarrolla en la zona fronteriza pampeana entre Brasil y Uruguay, fruto de mis vivencias como oriunda de esta región. Como extensionista del Proyecto UERGS – Campus Santana do Livramento, reflexiono sobre las relaciones y el lugar de las mujeres en este espacio, partiendo de procesos históricos y espaciales, así como de las trayectorias de las relaciones productivas y reproductivas, desde una perspectiva de género. En este contexto, desde la perspectiva pampeana, se han creado posiciones de desigualdad legitimadas por el sistema colonialista, capitalista y patriarcal, donde se percibe que la resistencia, las luchas y los desplazamientos de las mujeres pampeanas fronterizas trascienden las fronteras. Así, este relato se fundamenta en las referencias sobre género de las investigadoras Lugones, Maria y Federici, Silvia junto a los relatos narrados, que se caracterizan metodológicamente como investigación empírica e investigación-acción. A partir de mis observaciones durante estas experiencias, propongo repensar y recrear las relaciones de género en la zona fronteriza pampeana.

PALAVRAS-CHAVE:

Pampa
Gênero
Mulheres rurais
fronteiriças

KEYWORDS:

Pampas
Gender
Rural border women

PALABRAS-CLAVE:

Pampas
Género
Mujeres rurales fronterizas

*"Yo no sé de dónde soy, mi casa está en la frontera,
Y las fronteras se mueven como las banderas".
(Frontera, Jorge Drexler, 1999)¹*

1. Introdução

Este trabalho, produto de minhas experiências profissionais e acadêmicas, pretende problematizar e refletir sobre as relações das mulheres rurais na "Pampa fronteiriça", no contexto histórico-cultural da "pampa" e as "fronteiras" Brasil – Uruguai.

Neste contexto, busco um olhar interseccional da construção da "pampa" e suas múltiplas relações, como a construção de feminino e masculino perante o mito "gaúcho", símbolo construído coletivamente por vários autores brasileiros e cisplatinos, ao longo do tempo, que silencia outras identidades, reproduz hierarquia reforçando o patriarcado, onde o padrão de masculinidade oprime e/ou desvaloriza outras identidades.

Opressões de raça e classe são manifestadas na posse das terras e a produção da pecuária, que se funda no período colonial e se reproduz até hoje, gerando desigualdades sociais e raciais; opressões de gênero e trabalho, a fim de repensar as relações das mulheres rurais com sua Pampa Fronteiriça, que historicamente foram invisibilizadas tanto na desvalorização do seu trabalho no mais amplo espectro, baseado na construção da divisão sexual do trabalho, onde as tarefas domésticas e de cuidados são consideradas femininas; quanto a impossibilidade de acesso à terra.

A minha relação profissional e laboral na Pampa Fronteiriça, foi alicerçada nos primórdios do reconhecimento do Território do Pampa, dentro da Política Territorial de Cidadania e Territórios Rurais, executada pelo Ministério de Desenvolvimento Agrário desde 2011. Integrei a Coordenação Política Nacional dos Territórios, representando a Região Sul. Logo após, em 2015, fui contratada por edital público, pela UERGS (Universidade Estadual do RG, Campus Sant'ana do Livramento) como assessora de Inclusão Produtiva, num convênio entre dita

¹ "Frontera" canção que dá o título ao quinto disco de estudo de Jorge Drexler, compositor e músico uruguaio, publicado em 1999.

Universidade, MDA e CNPq para a implementação da Política Territorial, no Território Pampa reconhecido em 2014.

Nessa implementação da Política Territorial, emerge a necessidade de transitar e transpor fronteiras impostas pelos Estados, posto que nessa faixa de fronteira se alarga a sua construção histórica, impregnada de diversas etnias, gerando uma cultura peculiar que convive capilarizada por nuances estruturais de poder, que retratam e ponderam seu *modus vivendis*. Tendo trabalhado em 16 municípios do Brasil e três localidades no Uruguai. Também nasci e morei nessa pampa fronteira de Rivera (Uy) – Sant’ana do Livramento (Br).

O trabalho, os temas estão vinculados ao processo histórico da Pampa, processo colonialista diferenciado nesta fronteira, onde as linguagens “contrabandeadas” (espanhol - Uruguai e português – Brasil, dando origem aoportunhol, linguagem característico da fronteira pampeana,) são expressão da temporalidade, da espacialidade dessas corporalidades sufocadas, sempre orientadas pelo “poder” de plantão (espanhol e/ou português): colonialista e capitalista que atravessam e capilarizam o controle sobre o gênero e trabalho, o território e a identidades, e a subjetividade/intersubjetividade como fala Lugones (2020).

Na compreensão do trabalho desenvolvido pelas mulheres pampeanas fronteiriças, sempre vinculado à esfera reprodutiva e de cuidados (esfera doméstica), inserido no sistema colonial capitalista, processo este que desvalorizou o trabalho das mulheres, levando-as a serem excluídas das formas de reconhecimento de trabalho e renda, sendo subordinadas aos homens, passando a ser suas formas de trabalho invisível, gratuito e natural, sem direito a acesso à terra através da história, como faz referência (Federici, 2019).

Minhas experiências tentam expor as implicações de um sistema colonialista, capitalista e patriarcal, que comporta a Pampa Fronteira, na trajetória dessas mulheres através das fronteiras. Como podemos denominar as ações dessas mulheres? Seriam elas “feministas decoloniais” ou “feministas rurais/camponesas”? compreendendo a suas realidades, que se configuram hoje como agentes de sustentação do desenvolvimento da Pampa Fronteira.

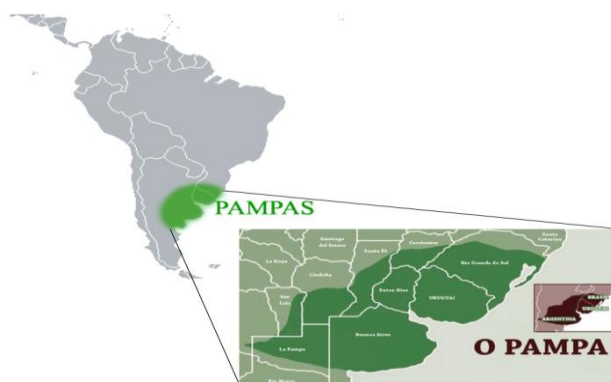
2. Conhecendo a PAMPA

Para introduzir a temática parto da caracterização da região onde aconteceu a minha experiência profissional e laboral, de Extensão na Pampa Fronteiriça Brasil – Uruguai. Nessa paisagem pampeanas, identificada nas figuras abaixo, apresentam-se modos de vida diferenciados, mas entrelaçados no decorrer de processos históricos, culturais, tendo desde seus primórdios a subjugação colonial, do lado do Brasil pelos portugueses e no Uruguai, pelos espanhóis. No desenvolver dessa Pampa Fronteiriça, nos deparamos com processos de violências, deferidos do processo colonial e o avanço do modelo capitalista na Europa.

Caracterizando etimologicamente a região, o significado da palavra *Pampa* é de origem indígena (quéchua e aimará) e significa *região plana*. Entre as diferentes abordagens conceituais de Fronteira, tomo como referências alguns autores (figura 1). E a expressão “fronteira” se origina do latim *frontaria*. Significa o território que fica em frente ou nas margens (Guazzelli, 2013). Já para Hissa (2002), ele traz uma noção de fronteira, como um “*front*”, algo que está à frente.

Esse espaço incorpora duas culturas diferentes e colonialistas (portuguesa e espanhola), que disputam permanentemente o espaço geográfico e o domínio dele. Nesse contexto, esse poder de domínio do espaço geográfico, de intrínseca e permanente disputa, permeia ou capilariza essa rivalidade em uma junção/união da incorporação de um novo sistema: capitalista e patriarcal.

Figura 1. Localização das Pampas.



Fonte: adaptação da plataforma 123ECOS.²

A pampa, historicamente marcada pela violência, será o germe do “gaúcho/gaúcho”, primeira representação da identidade sulina (RS), uruguaia e argentina. “Os gaúchos: cultura e identidade masculinas na pampa” (Leal, 1989) caracterizou-o como homem campeiro, de essência guerreira e amante da liberdade, que forja e estabelece um modo de vida e identidade cultural específica, comuns a essa representação identitária nos três lados da fronteira pampeana.

O homem é o protagonista fundacional da pampa, desde seus primórdios ele representa diversos papéis: protetor da família e dos contornos da nação, representando e perpetuando à violência, onde a valorização dessa coragem concretiza e desafia sua supremacia masculina no universo pampeano.

O leitmotiv “Mulheres” no contexto da pampa, emerge na figura da “china” como sua companheira, que engendra culturalmente a sua subordinação, onde apresenta especificidades de suas funções como mulher, onde estas especificidades se resumem no pensamento: “*de natureza feminina*”. Descrito na apresentação do livro “La vuelta de Martín Fierro” onde fala: “Fomentando en el esposo el amor a su esposa, recordándole a ésta los santos deberes de su estado” (Hernandez, 2013), traduzido: “Encorajando no marido o amor a Ela, lembrando a Ela seus “santos deveres de sua condição”; contribui à fundamentação do que é da “natureza feminina”.

² Localização dos Pampas: **Plataforma 123ECOS**, Disponível em: <https://123ecos.com.br/docs/bioma-pampa/> Acesso em: 04 de outubro de 2025.

Além disso, faço referência especificamente à linguagem, neste quesito das mulheres, entendendo que é através da linguagem que o *sujeito* se reconhece como sujeito, reconhece o outro, colocando a linguagem como elemento que permite interagir com esse outro, o que permite, o conhecimento da cultura (mundo da significação). Nessa relação da linguagem e identidade, que é intrínseca, trago alguns verbetes direcionados às mulheres da Pampa, conceitos do Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul (Ramirez, 2010), para explicitar a sua condição social:

- CHINA: Descendente ou mulher de índio, ou pessoa do sexo feminino que apresenta alguns das características étnicas das mulheres indígenas. Cabocla, mulher morena. Mulher de vida fácil. (Parece provir do quíchua, xina, que significa aia) – p.114
- MOROCHA: Moça morena, mestiça, mulata, rapariga da campanha -p. 315.
- PRENDA: representavam o recato das mulheres gaúchas – P. 394

No que se refere ao verbete *China*, os significados transferem conotações depreciativas associados às mulheres indígenas, formando uma concepção de estigmas no que tange ao gênero e à etnia.

Enquanto *Morocha*, é atravessado por questões raciais, evidentes também na definição mulata.

Mulata: Sujeito nascido da união entre um homem negro e uma mulher branca, ou vice-versa. Etimologicamente a palavra deriva do latim "mulus", que significa mula, resultado de um cruzamento entre o asno e a égua. Carrega uma semântica negativa, pois aponta estereótipos racistas relacionados às mulheres mulatas, contribuindo para a marginalização dessas mulheres ao longo da história da Pampa.

Morena (p. 315), outra definição de china e de morocha, está associada no imaginário coletivo cultural, a atributos de sensualidade e exotismo.

Neste contexto, se faz necessário refletir sobre esses significados catalogados para as mulheres na sociedade pampeana, pois de alguma forma representam ou outorgam papéis políticos, sociais, culturais e de hierarquia.

Enquanto as palavras/verbetes *china* e *morocha* são constituídos por construções sociais de gênero e raça, com conotações pejorativas, as definições

de *gaúcho* (termo quíchua *huagchu*, que significa órfão ou errante) exaltam suas qualidades, como a virilidade e a coragem, condições hierárquicas construídas pelo patriarcado.

Nessa trama de processos interseccionais, representados por fatos culturais, históricos, étnicos, gênero, econômicos que compõem a biodiversidade pampeana, onde a especialidade engloba os processos sociais de produção, circulação e consumo, geram significado à vida social e à cultura pampeana fronteiriça, onde as mulheres representam um dos alicerces desses processos.

Meu trabalho se centralizou no Bioma Pampa Fronteiriço, com mulheres rurais que compõem a faixa compreendida entre os municípios de: Quaraí (Br)/ Artigas (Uy), Sant'Ana do livramento (Br)/ Rivera (Uy) e Aceguá (Br)/Acegua (Uy), faixa com características peculiares: 1 - Sant'Ana do Livramento (Br)/ Rivera (Uy) e Aceguá (Br)/Acegua (Uy) são municípios de fronteira seca, separados apenas por uma rua, onde se fundem o cotidiano, a história das comunidades, resultando uma cultura Pampeana, um tanto híbrida pois emerge de diferentes origens (portuguesa, espanhola, indígena, mestiço??, crioulo??, afro-descendente, etc); 2 - Os Municípios Quaraí (Br)/ Artigas (Uy) estão divididos pelo Rio Quaraí do lado Brasileiro e Rio Cuareim do lado Uruguaio, mais unidos por uma ponte e sua cultura pampeana (figura 2).

A população de mulheres rurais nessa faixa de fronteira, das quais estive trabalhando durante dois anos consecutivos, conformam aproximadamente 150 mulheres inseridas na categoria Agricultoras Familiares do contexto agrário.

Quanto aos processos de desenvolvimento rural, se constitui de um mosaico complexo que vão desde seus os potenciais históricos culturais até a acentuada concentração urbana associada à baixa densidade demográfica, que traz como resultado um baixo índice de ocupação da zona rural, vinculada diretamente à principal atividade econômica que é a pecuária extensiva; o modelo de uso da terra (áreas extensas com pastoreio a campo nativo) traz implícitas potencialidades de trabalhar com produtos diferenciados para o mercado; etc. Com base nesse mosaico, o desenvolvimento territorial rural se fundamenta na articulação no espaço regional. Destaca que a inserção da Agricultura Familiar e seu reconhecimento no contexto pampeano, vêm emergindo após inclusão dos assentamentos da Reforma Agrária na fronteira pampeana, a partir dos anos 1990.

Figura 2. Localidades de trabalho.



Fonte: adaptação de Figueiró e Sell (2020).

Este cenário rural pampeano, carregado de substanciais mudanças através do tempo e espaço geográfico, não se exclui dos problemas de nosso rural brasileiro: crises econômicas, ambientais, agrárias, sociais, etc. Estes processos trazem como resultado acentuadas desigualdades sociais expressas de forma particular sobre as vidas das mulheres, manifestadas entre outras, no trabalho feminino. Historicamente as mulheres rurais executam o trabalho produtivo, onde as atividades agrícolas fazem parte de uma tradição/cultura que aparentemente não tem sido necessário modificá-lo, pois o trabalho produtivo é inerente a sua conduta e valorizado positivamente (Paulilo, 2016).

Este relato de experiência pretende exaltar contribuições e/ou reflexões sobre as mulheres rurais pampeanas que integram a categoria da Agricultura Familiar, centrada nas relações de gênero, assim como destacar as comparações

e limitações da história e valorização de suas vidas e trabalhos de seu cotidiano, que se manifestam no trabalho na terra, da casa e onde seus corpos de alguma forma se tornam mercadorias, tecem um delineamento do trabalho agrícola e doméstico, além do papel reprodutivo da mulher pampeana.

Essas situações são traduzidas por questões que envolvem gênero, sob uma perspectiva descolonizadora, pois a divisão sexual do trabalho se estrutura em gênero e classe. Além, que as relações de gênero nas suas assimetrias de poder, consolidam as atribuições sociais designando papéis e, status desiguais entre mulheres e homens. Nesse contexto de desigualdade prevalecerá o domínio de um grupo sobre outro, na estrutura colonialista capitalista, a hierarquização está dada para os homens, na sua estrutura de poder manifestado no patriarcado. Por consequência, essas relações de poder afetam a estrutura política e social, assim como as relações de trabalho e relações pessoais, o que vai limitar a participação social das mulheres, sendo de fato discriminada e, por ende, sofrendo violência de gênero.

Essas assimetrias de poder impactam em todas as esferas sociais impactando negativamente às vidas das mulheres reduzindo seus poderes de decisão, acesso a recursos, neste caso específico impossibilitadas ao acesso à terra, que de alguma forma é não permitir o acesso a herança, instrumento de poder e perpetuação do sistema capitalista. No contexto colonial capitalista, as mulheres se limitam basicamente à produção e reprodução social, como é demonstrado pela pesquisadora Federici (2019).

Dos diálogos e relatos informais, assim como, as vivências junto às mulheres rurais pampeanas fronteiriças, partindo de uma observação participante, me permitiram no processo da minha experiência, ponderar aspectos que a observação participante permite, obtendo informações sobre as situações de vida que aconteciam, e como ela se produz, pois as informações muitas vezes não podem ser percebidas somente por meio das falas e sim, por atitudes, subjetividades e/ou de forma simbólica. Os diálogos mantidos nesse período, assim como, os relatos das suas vidas, me auxiliaram a obter informações sobre as suas percepções, sentimentos e opiniões sobre o trabalho feminino, o trabalho reprodutivo, a invisibilidade das mulheres pampeanas nesse contexto e seus direitos.

As situações de vida que eram vivenciadas por mulheres rurais, nitidamente estavam impregnadas de submissão perante o poder masculino. Quando tínhamos reuniões que participavam homens e mulheres, e as temáticas estavam orientadas ao setor produtivo, elas quase não falavam. E quando acontecia, era para concordar o que tinha falado seu marido.

No entanto, quando aconteciam as reuniões somente de mulheres, elas opinavam sobre produção na área hortícola e frutíferas, sobre como agregar valor a partir das produções alimentícias. Por exemplo, na cadeia do leite, que na pampa fronteira é muito complicada, e os produtores de leite, na sua imensa maioria, ganham muito pouco e o dinheiro fica com eles, elas faziam seus queijo e rapadura de leite para a venda, levando para a cidade para realizar suas vendas de seus produtos manufaturados por elas. Mas de forma geral o dinheiro arrecadado, não ficava com elas. Era investido na alimentação da casa, roupas para os filhos, algum eletrodoméstico que melhoraria seu trabalho braçal nos afazeres produtivos, como, por exemplo, uma batadeira.

Nas suas subjetividades estava a expressão fiel de seus desejos, de seu sentir, que geralmente eram falados nas reuniões com outras mulheres. Os seus olhares eram a porta de seus cansaços, de suas dores, a suas mãos grande e dilatada pelos seus trabalhos; raramente escutei reclamações das suas situações de vida, as suas angústias eram suplantadas por momentos de encontros como as reuniões de mulheres, feiras onde levavam seus produtos, seus artesanatos, onde se relacionavam em outro âmbito que não era seu cotidiano. A vida urbana exercia um certo exorcismo sobre elas, mas a escolha última era sua casa na roça, no seu lote de Assentamento.

Para alcançar o propósito deste trabalho, que expressa a complexidade das relações sociais nas quais as mulheres rurais da pampa fronteira, estão envolvidas e que constroem suas experiências carregadas de ações, afetos e simbolismos, nesse intuito entendo que a escolha da metodologia qualitativa, observação participante, inerente às ciências sociais, que sustenta a compreensão e interpretação da realidade social e suas interações das relações que acontecem nesses espaços, meu trabalho está inserido nesse contexto.

3. Desbravando experiências da mulherada pampeana

Nas comunidades inseridas no contexto pampeano fronteiriço onde trabalhei, já explicitadas anteriormente (ver figura 2), são expressões de um cotidiano feminino que de algumas formas posso afirmar é heterogeneizado, também apresenta suas formas de subversão, fatos este que consolidam sua permanência e resistência na pampa fronteiriça.

Tanto na região que comporta a região fronteiriça do Brasil, quanto do Uruguai, as experiências de vida promovem uma idiossincrasia expressa nas suas falas, muitas vezes sustentadas numa linguagem genuína dessa fronteira o “portunhol”, (não é considerado dialeto, e sim, uma linguagem característica da região), nas suas subjetividades, muitas vezes sem espaços onde manifestá-las, e na sua labuta diária representada e responsabilizada pela produção e reprodução social de suas vidas e comunidades.

Além de meu trabalho específico, vinculado a área de produção, processos de capacitação, constitui o eixo dos possíveis “encontros de mulheres”, que é justamente nesses espaços onde se manifesta a imensa riqueza dessa vida cotidiana rural, que por vezes se apresenta monótona, por vezes cruel e sem perspectivas reais.

Trabalhando nos cursos de formação vinculados à produção, manifestavam entre elas um tipo de relação intrínseca, muitas vezes falando dois idiomas diferentes, onde se revelava os aspectos subjetivos que os vinculavam com seus conhecimentos e saberes sobre a natureza, suas produções artesanais que conformam um espectro diferenciado, quanto a suas necessidades, que muito poucas vezes eram expressas e muito menos aquelas vinculadas às suas subjetividades, como os afetos.

Convivi com cinquenta mulheres durante dois anos; muitas vezes nossos encontros eram efêmeros, mas nesse contexto, sempre estavam lá para me receber e acolher. Desde a minha subjetividade e observação, entendia aqueles encontros como momentos quase sagrados para elas, onde toda a energia era concentrada na partilha de seus afazeres e produções, que faziam com alegria e sem competitividade.

Esse momento de encontro que caracterizei como quase sagrado, era um momento de exclusividade, era um momento único, onde muitas se identificavam pelas suas vivências, pelas suas carências. Quando os encontros aconteciam em dois dias, a cozinha se tornava uma romaria, onde a alegria, as fofocas ficavam a ordem do dia, mas sempre acontecia um momento em que a sororidade se manifestava em sua máxima expressão: era o momento do confessionário. Nesse momento era para manifestar suas angústias. Essas angústias revelavam geralmente as violências sofridas dia após dia, exteriorizada entre Elas. Violências enquadradas em quase todos os matizes possíveis. Sofriam violência psicológica, sexual, física, e era nesse momento, onde todas revelavam os seus sofrimentos. Submetidas às violências por parte de seus maridos, companheiros e inclusive filhos, elas conseguiam se erguer após os encontros. Pois nunca faltavam elogios entre elas, tentando minimizar o sofrimento em detrimento de melhorar sua autoestima. Também se elogiavam a respeito de suas produções, suas belezas criativas.

A diferença, os encontros com os homens pampeanos giravam em torno de outras dinâmicas, fundamentalmente competitivas e de poder entre eles. Essas dinâmicas se caracterizam no estereótipo enraizada no perfil da figura do “Gaúcho”, homem nascido na Pampa, trabalhador das estâncias, onde seu lugar de encontro é o “Galpão” e onde de alguma forma se gera a produção do que é ser homem. E é no galpão, nesse lugar de encontro que ele ressignifica o mundo e sua vida, vinculada a suas atividades campeiras que também alicerça sua masculinidade. A construção dessa identidade está consolidada com o poder e domínio sobre a natureza, assim como, a masculinidade é adquirida e provada entre o grupo de masculino de iguais, o que leva a competitividade de poder entre eles também. Na construção social pampeana o homem defende a família, sua honra e a mulher cumpre seus “deveres” como esposa: cuidar do lar, das crias e dele.

Desses cotidianos, e me refiro às mulheres, tive oportunidades de ficar na casa de algumas delas, o que me permitiu uma melhor observação mais detalhada e específica do cotidiano dessas mulheres, o que possibilita outro tipo de diálogo, que abria espaço para certa intimidade.

Nesse cenário das “intimidades”, desejo destacar que tanto as mulheres pampeanas brasileiras, quanto as mulheres pampeanas uruguaias, as suas

subjetividades formam parte de um cenário quase análogo. Essa analogia conspira no sentir da subjugação ao gênero masculino, e me refiro ao gênero masculino, pois essa subjugação não está circunscrita somente ao esposo/companheiro, senão que também a seus filhos, e outros homem que possam vir a participar de seu cotidiano de suas vidas. E esta situação, ficou muito clara para mim, no encontro/oficina de mulheres, que realizei na Feira Agropecuária de Santa Margarida/RS.

Nesse encontro participaram 15 mulheres, onde apliquei uma dinâmica de “encontros entre elas e consigo”. A dinâmica do “Novelo da Conexão” tinha por objetivo promover a conexão e a percepção de como as experiências individuais podem formar uma rede de apoio, que para minha surpresa, nunca imaginei vivenciar um momento tão profundo, tão sensível e de dor junto àquela mulherada, que pensava conhecer. Elas conseguiram revelar de uma forma coletiva as suas mais pungentes dores: violência doméstica, controle da vida dessas mulheres, impedindo amizades o falando onde podem ir, que justamente vão de mãos dadas às relações de gênero impostas pelo sistema de poder manifestados no patriarcado e o sistema colonial capitalista.

Dito isso, retomo as palavras e conceitos das autoras que já fiz referências, Federici (2019) e Lugones (2020), as quais tratam e retratam a história das mulheres através da história e sua condição de subjugação perante o capitalismo, patriarcado e colonialidade do poder de gênero. Com isto, quero salientar que através da história as mulheres não receberam nenhum privilégio, desde a organização da divisão do trabalho, que tem levado às mulheres a condições no mínimo desumanas: responsabilidade absoluta sobre a produção e reprodução social, jornadas exaustivas de trabalho doméstico invisibilizado, impactos na saúde psíquica e física, baixos salários, para as mulheres negras essas situações se agravam mais. A história pampeana não escapa a essas realidades, onde a mulher pampeana fronteiriça é entendida como o reduto da produção e reprodução social, além disso, sem ter direito a acesso a terras, mesmo sendo seu esposo/companheiro o dono. Ela é excluída da figura da “herança capitalista”.

A exploração do trabalho no sistema capitalista, é uma condição *sine qua non*, e é muito mais contundente no campo, levando o trabalho das mulheres a uma situação de desvalorização quase absoluta. A pesquisadora Paulilo (1987),

traz uma distinção sobre o “trabalho leve” referido ao trabalho das mulheres e “trabalho Pesado” referido aos homens, e é justamente esse trabalho leve caracterizado por ações como cozinhar, lavar, costurar, as tarefas da casa em geral, além de arar, plantar entre outras, estão vinculadas ou melhor, definem o elemento crucial que é dado às mulheres: o cuidado como alicerce do círculo das relações sociais de mundo rural, o qual se torna invisível e não é remunerado, mas faz parte do tedioso e muitas vezes violento cotidiano delas.

No contexto pautado no gênero, baseado em experiências transformadoras e emancipatórias, perante a realidade das mulheres rurais pampeanas, seu processo de organização social e de identidade são intrínsecos a essa cultura pampeana rural fronteira, conformada desde a violência em todas as suas expressões, manifestadas intrinsecamente em raça, gênero, classe. Sendo assim, acredito que estas mulheres pampeanas fronteiriças e as mulheres rurais me animo afirmar, abrem no leque do feminismo brasileiro um novo espaço para repensar seu lugar nesse contexto, pois entendo que a *sua identidade* que se mantém como grupo coeso, num coletivo que atravessa fronteiras, *suas práxis* e *suas lutas* estão diretamente vinculadas a seu território de forma intrínseca aberto à interseccionalidade do território, raça e da análise desde a práxis.

4. Considerações finais

Retomando o pesquisador Hissa, no seu conceito de fronteira, onde ele conjuga a representação do começo e o desafio para ir além, é que entendo a projeção das mulheres pampeanas fronteiriças. Além de suas opressões, além de suas condições explicitadas, elas conseguem apagar “fronteiras” reunidas num coletivo de organização social diferente e, ao mesmo tempo análogo, tentam provocar uma situação de subversão estatal silenciosa, unindo-se e abrindo caminhos e espaços de luta sobre as fronteiras, onde a pesquisa relacionada ao feminismo brasileiro, encontra um novo lugar/espaço nesse contexto das mulheres rurais da Pampa Fronteira.

Não sei se é primordial o avanço sobre essas perspectivas, mas, por meio da práxis que tem me orientado, considero que as mulheres e as fronteiras se

movimentam como bandeiras em busca de resistência e luta, em um contexto muito particular: “sua pampa fronteiriça”.

Referências

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpos e acumulação primitiva. 1ª Edição. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

FIGUEIRÓ, Adriano Severo; SELL, Jaciele Carine. Paisagem e Geoconservação nos Territórios do Pampa Brasil-Uruguai – reflexões para uma política transfronteiriça. **Ciência e Natura**, [S. l.], v. 42, p. e47, 2020. DOI: [10.5902/2179460X55109](https://doi.org/10.5902/2179460X55109).

GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. **O horizonte da província**: a República Rio-Grandense e os caudilhos do Rio da Prata (1835-1845). 2ª Edição. Porto Alegre: Linus Editores. 2013.

HERNÁNDEZ, José. **El Gaucho y La vuelta de Martín Fierro**. 2ª Edição. Florida- Estados Unidos. Stockcero. 2013.

HISSA, Cássio Eduardo Viana **Mobilidade das fronteiras**: inserções da Geografia na crise da modernidade. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

LUGONES Maria. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, p. 52-83.

LEAL, Ondina Fachel. **Os gaúchos: cultura e identidade masculina no Pampa**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2021.

PAULILO, Maria Ignez Silveira. O peso do trabalho leve. **Revista Ciência Hoje**, v. 5, n. 28, janeiro/fevereiro, p. 64-70, 1987.

PAULILO, Maria Ignez Silveira. Que feminismo é esse que nasce na horta? **Política & Sociedade**, v. 15, n. edição especial. segundo semestre p. 296-316, 2016.

RAMIREZ, Hugo. Apresentação. In: NUNES, Zeno Cardoso; NUNES, Rui Cardoso. **Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul**. 9ª Edição. Porto Alegre: WMF Martins Fontes, 2010, p.115-394.